

RESUMO: Pela história da formação do Estado de Rondônia, pode-se considerá-lo um estado cosmopolita: sua população, em seu início, foi formada por pioneiros vindos das mais diversas regiões do Brasil, sobretudo do Nordeste, e do estrangeiro atraídos por diversas razões: pela construção da EFMM, pelo garimpo, pela extração da borracha e, finalmente, pela agropecuária. Daí tornar-se, assim, importante a investigação e descrição das histórias particulares dos diferentes grupos que vieram constituir este estado brasileiro. Justifica-se, assim, a elaboração do Atlas Lingüístico de Rondônia – AliRO que tem como um de seus objetivos descrever os diversos “falares” de Rondônia para responder à pergunta: **Será que se pode dizer que o Estado de Rondônia já possui um “falar” próprio?** Pretende-se não só identificar as diferenças diatópicas consideradas no panorama da Geolingüística, mas, também, identificar os substratos culturais atuantes na constituição da cultura rondoniense. A pesquisa que já está em desenvolvimento é a da área de Fonética e Fonologia: Descrição fonética e fonêmica do “falar” de Guajará-Mirim/RO com enfoque especial para as realizações do /r/ como contribuição à elaboração do Atlas Lingüístico de Rondônia – AliRO.

PALAVRAS-CHAVE: Atlas lingüístico. Rondônia. Descrição.

ABSTRACT: Due to the history of its constitution, Rondônia can be considered a cosmopolitan state: in the beginning, its population was formed by pioneers who came from different places, specially from Brazilian Northeast Region and also from foreign countries. They were attracted mainly by the building of Madeira-Mamoré Railroad, by the gold prospection, by rubber extraction and, finally by cattle raising. Because of the diversity of people and cultures that met in Rondônia, it is important to investigate the particular history of each group that originated the State. This is the reason why we are elaborating the Linguistic Atlas of Rondônia (AliRO), that aims at describing the different “speeches” that co-occur in that State. We try, then, to answer the question: **Can one say that Rondônia State has its own dialect?** Our attempt is to identify the diatopic differences taken in the Geolinguistic framework and also identify the cultural substrata that play a role in the development of Rondônia’s culture. The research that is now being developed, entitled “Phonetic and phonemic description of Guajará-Mirim/RO dialect”, has a special focus on /r/ sounds realizations which we believe to be a strong contribution for the Linguistic Atlas of Rondônia.

KEY WORDS: Linguistic Atlas. Rondônia. Description.

RONDÔNIA, UM ESTADO COSMOPOLITA: ORIGENS DE SUA POPULAÇÃO.



Por que se acredita que Rondônia, situada na Amazônia, é um estado cosmopolita? Pela história peculiar da formação de sua população (cerca de 1.534.594 habitantes distribuídos em 237.576,167Km²), que, em seu início, deveu-se a pioneiros vindos das mais diversas regiões do Brasil, sobretudo do Nordeste, e do estrangeiro atraídos por diversas razões: pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré - EFMM, pela extração da borracha, pelo garimpo e, finalmente, pela agropecuária. Conheçamos, então, um pouco dessa história.

Por ser uma região de terras banhadas por rios caudalosos, a Amazônia começou a atrair o nordestino como um meio de fugir das secas de 1877, como assinalou Araújo Lima em sua obra “Amazônia, a Terra e o Homem” (apud SILVA, 1984). Além disso, diversos programas governamentais de ocupação da Amazônia foram desenvolvidos e esses tinham como populações alvo os nordestinos da região da seca. Milhares de nordestinos foram “transferidos” de sua região de origem para regiões amazônicas, sob a justificativa da presença de água, mas, no fundo, com a intenção de ocupação das áreas antes apenas ocupadas por indígenas. Um processo semelhante se desenvolveu no vizinho estado do Acre.

Como se sabe, naquela época, o atual estado do Acre era território boliviano. Entretanto, a riqueza do Acre em borracha e madeira e a grande concentração de nordestinos incentivados pelo governo a ocupar aquelas terras deram início a um problema diplomático. Como a Bolívia, por aquela época, havia perdido, através de guerras contra Chile e Peru, as saídas para o Oceano Pacífico, era premente para aquele país encontrar uma saída para o mar através da Bacia Amazônica para o escoamento de sua produção extrativista. A saída mais óbvia era através do Rio Amazonas, que tem contato direto com o Atlântico e é todo navegável. Mas, o acesso ao Amazonas só era possível através dos Rios Mamoré e Madeira, que, por sua vez, não são navegáveis no trecho entre as atuais cidades de Guajará-Mirim e Porto Velho. Como esse trecho encachoeirado desses rios impedia a navegação, Brasil e Bolívia vislumbram a possibilidade de um negócio internacional: o Acre, em troca de um pouco de dinheiro e da construção de uma estrada de ferro que cobrisse a área encachoeirada com Madeira, a qual completaria a ponte de escoamento da produção boliviana para os oceanos. Eis a origem da EFMM.

Nasceu, assim, a Madeira-Mamoré Railways Co. Ltda., que contratou, inicialmente, a execução da ferrovia com a firma de engenharia inglesa *Public Works*, que abandonou o “campo de batalha” logo no início. Deu sequência aos trabalhos a empresa americana P & T Collins, que contratou trabalhadores norte-americanos, irlandeses, italianos e brasileiros. Devido às tragédias ocasionadas pelos ataques dos índios e pelas intempéries, doenças (malária, disenteria, beribéri e a pneumonia) e fauna da Amazônia, que dizimavam os trabalhadores (daí o nome de “ferrovia do diabo”), a construção da ferrovia foi interrompida em agosto de 1879 para ser retomada somente em 1907 pela empresa americana May-Jekyll e Rodolph dirigida por Percival Farquar.

Com a retomada da obra da EFMM, foram contratados trabalhadores não só brasileiros, mas espanhóis, portugueses, alemães, antilhanos, colombianos, italianos, norte-americanos, bolivianos, franceses, russos, cubanos, mexicanos, indianos, ingleses, peruanos, suecos, belgas, húngaros e irlandeses (SILVA, 1984). Apesar das tragédias que continuaram (dizem que a cada dormente corresponde uma alma), a ferrovia foi concluída pela Madeira-Mamoré Railways Co. em 1917, consolidando-se, em suas extremidades, os dois primeiros povoados de Rondônia: Guajará-Mirim e Porto Velho¹, cujo crescimento deveu-se a seringueiros, ao lado de ferroviários, membros da linha telegráfica de Rondon, e extrativistas em geral.

Registre-se que aquela foi a época do auge da produção da borracha na área do Vale do Guaporé.

Mais recentemente, o mote responsável pela ocupação de Rondônia foi a construção da BR-364, na década de 60, que propiciou a vinda de grande quantidade de migrantes de todas as partes do país, principalmente do Paraná, Espírito Santo, Santa Catarina e Minas Gerais.

Fator muito importante que veio contribuir, também, para o crescimento demográfico da região, paralelamente à BR-364, foi a exploração da cassiterita. Garimpeiros vinham, principalmente, do Maranhão, Piauí, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Pará e Amazonas para explorar a grande fonte, à época, de riqueza da região.

Todos esses migrantes, quaisquer que fossem suas origens e intenções, acabaram deixando marcas na cultura local, o que inclui marcas lingüísticas. Nesse caldo heterogêneo de culturas, começa-se a formar a população tipicamente rondoniense: gerações de filhos de migrantes, que dão início, na década de 70, à consolidação de traços culturais mais marcantes e de um linguajar um pouco mais definido, o qual, porém, não se repete em todos os municípios do estado. Viajando por Porto Velho, por exemplo, tem-se, em determinados momentos, a impressão de se estar num estado nordestino. Já em Ji-Paraná, Rolim de Moura, Cacoal ou Vilhena, a impressão é a de se estar na Região Sul, mais propriamente no Paraná ou em Santa

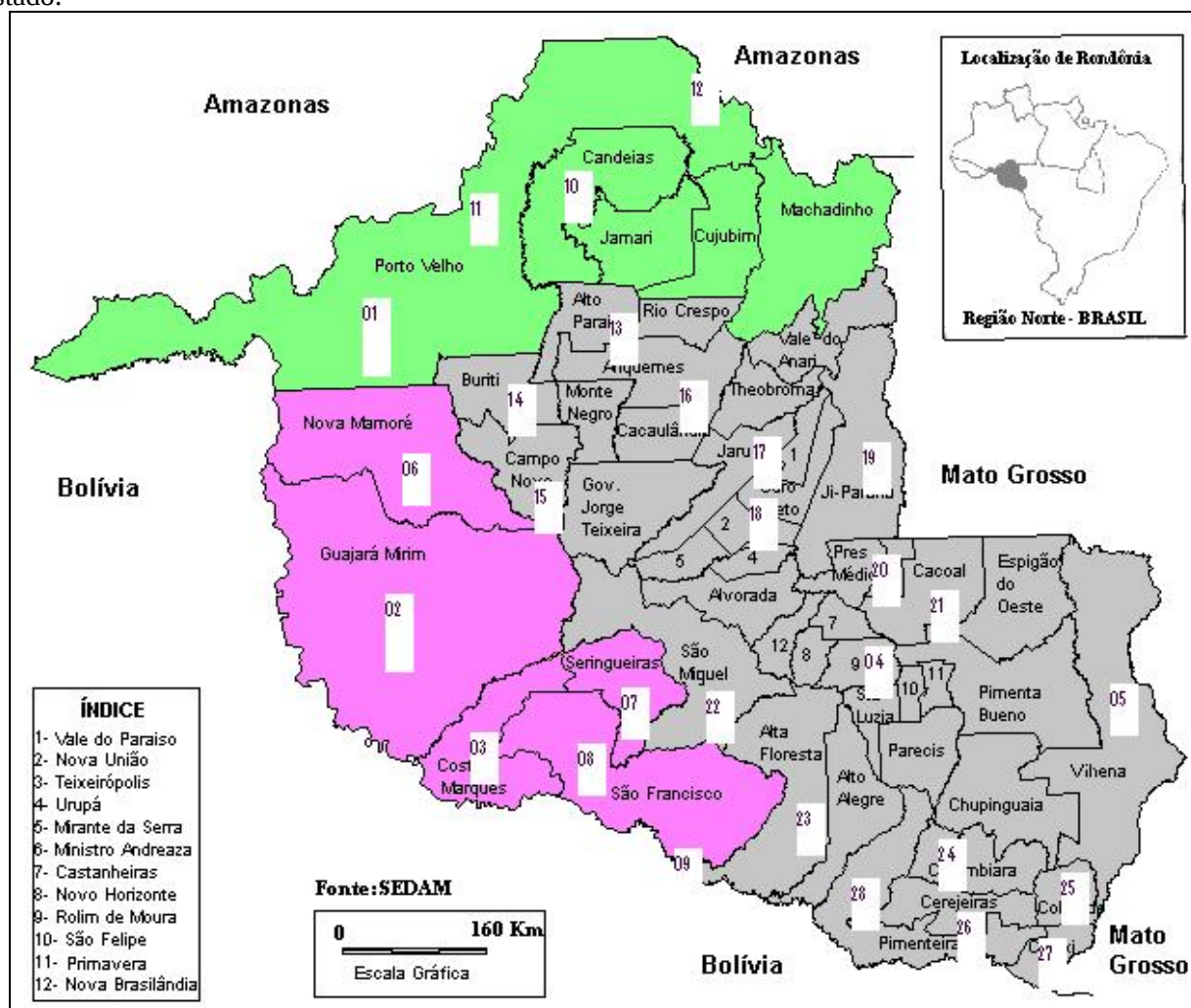
¹ A EFMM foi extinta em 1972 com a abertura da BR-425 ligando Guajará-Mirim a Porto Velho.

Catarina. E essas diferenças se multiplicam nos 52 municípios do Estado. Essa heterogeneidade precisa ser estudada, registrada e acompanhada em sua evolução.

Isso posto, chega-se ao porquê da elaboração do Atlas Lingüístico de Rondônia – AliRO: descrever os diversos “falares” de Rondônia, através da investigação das histórias particulares dos diferentes grupos que vieram constituir este estado brasileiro, para responder às perguntas: **Será que se pode dizer que o Estado de Rondônia já possui um “falar” próprio? E o que dizer de sua cultura?** Esse último questionamento pode parecer muito amplo, mas o que pretendemos é não só identificar as diferenças diatópicas consideradas no panorama da Geolingüística, mas, também, os substratos culturais atuantes na constituição da cultura rondoniense. Da mesma forma, é importante a identificação da influência das línguas indígenas de Rondônia na formação do léxico do “falar rondoniense”.

1. ESTADO ATUAL DAS PESQUISAS PARA A ELABORAÇÃO DO ALIRO

A fim de se obter uma amostra representativa dos “falares” rondonienses, as entrevistas para a coleta de dados, seguindo-se a metodologia geolingüística recomendada pela equipe do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), estão sendo realizadas em três grandes regiões de Rondônia, de acordo com as influências recebidas de imigrantes e migrantes em sua colonização: Região Norte, Vale do Guaporé-Mamoré e Cone Sul, de onde foram selecionados 28 pontos de inquéritos (PI) (25 municípios e 3 distritos) dentre os 52 municípios do Estado.



1. Região Norte (cor verde): influência de nordestinos, sobretudo do Ceará, e de amazonenses: PI 01 - Porto Velho (capital), PI 10 – Candeias, PI 11 – São Carlos (distrito) e PI 12 – Calama (distrito).

2. Vale do Guaporé-Mamoré (cor rosa), região que se pode, aproximadamente, considerar como tendo um “falar” mais típico da terra: influência de gregos, libaneses, turcos, sírios, italianos, barbadianos, bolivianos, quilombolas, indígenas e nordestinos, sobretudo provenientes dos estados do Ceará, Bahia, Rio Grande do

Norte e Paraíba: PI 02 – Guajará-Mirim, PI 03 – Costa Marques, PI 06 – Nova Mamoré, PI 07 – Seringueiras, PI 08 – São Francisco e PI 09 – Pedras Negras (distrito).

3. Cone Sul (cor cinza): influência de mato-grossenses, paulistas, paranaenses, catarinenses, gaúchos e, em menor escala, capixabas, mineiros e baianos: PI 13 - Alto Paraíso, PI 14 – Buritis, PI 15 – Campo Novo, PI 16 – Ariquemes, PI 17 – Jaru, PI 18 – Ouro Preto, PI 19 – Ji-Paraná, PI 20 – Presidente Médici, PI 21 – Cacoal, PI 22 – São Miguel, PI 04 – Rolim de Moura, PI 05 – Vilhena, PI 23 – Alta Floresta, PI 24 – Corumbiara, PI 25 – Colorado, PI 26 – Cerejeiras, PI 27 – Cabixi e PI 28 – Pimenteiras.

Até o presente momento, ainda não foram descritas as variantes diatópicas do brasileiro² falado em Rondônia. Há apenas duas dissertações, defendidas no Curso de Mestrado em Linguística do *Campus* de Guajará-Mirim, que atendem aos objetivos deste projeto: “Análise fonética de róticos falados por habitantes nativos da região urbana de Porto Velho” (CAPILÉ, 2004) e “A influência da migração no processo de aculturação do léxico de Porto Velho a partir de 1980” (OLIVEIRA, 2004). Na área de línguas indígenas, são várias as dissertações de Mestrado e teses de Doutorado defendidas.

A pesquisa que está em desenvolvimento é a da área de Fonética e Fonologia: Descrição fonética e fonêmica do “falar” de Guajará-Mirim/RO com enfoque especial para as realizações do /r/ como contribuição à elaboração do Atlas Lingüístico de Rondônia – ALiRO.

O interesse pelo estudo da realização do /r/ “rondoniense” surgiu quando um aluno do Ensino Fundamental de Guajará-Mirim/RO corrigiu sua professora de português, uma paranaense então mestranda sob nossa orientação, que, segundo ele, pronunciara seu nome com um som diferente do que estava acostumado a ouvir. Seu comentário foi: “Meu nome não é assim, a senhora está falando errado o erre”.

A hipótese que se levanta, perceptualmente, é que o /r/ falado em Guajará-Mirim tem uma realização glotal.

Capilé (2004, p. 53) concluiu que o /r/ falado por seus informantes de Porto Velho tem uma realização posterior:

...que os róticos de nossos informantes, excetuando-se, obviamente o tepe, são fricativos e apresentaram faixas de frequência próprias de fricativas posteriores, variando entre 2.517 Hz e 9.138 Hz, com início baixo (exceção feita, em algumas realizações, ao quarto informante), sendo surdo ou sonoro dependendo do contexto.

Para a análise do /r/, em um primeiro momento, foi organizado um *corpus* piloto, constituído de todas as palavras do QFF do ALiB que contêm esse som, e gravado com dois informantes da primeira faixa etária (18 a 30anos), do PI02, diretamente em PC, através do programa de análise lingüística PRAAT, versão 4.0 a fim de se garantir a excelência da qualidade dos dados, condição *sine qua non* para análise acústica. Porém, após algumas análises realizadas, percebeu-se a necessidade de se trabalhar com *corpus* específico. Assim, decidiu-se, sob a orientação da Prof^a Dr^a Adelaide Hercília Pescatori Silva, da Universidade Federal do Paraná, pela utilização de um *corpus* único já organizado por seu orientando, Felipe Costa Clemente, pois, assim, ter-se-á condições de se realizar estudos comparativos.

Os dados foram coletados com um gravador *Digital Voice Recorder*, marca *Olympus* VN240 e transferidos para PC com o aplicativo *Digital Wave Player* para Windows 98/2000/Me/XP, marca *Olympus*.

As transcrições grafemáticas e fonéticas das entrevistas estão sendo feitas de acordo com a metodologia adotada pela equipe do ALiB. Porém, sabemos que a transcrição fonética da fala nem sempre é algo consensual, sobretudo quando se trata de fala espontânea, pois há que se considerar as diferenças individuais de percepção dos sons da fala, o que pode acarretar diferentes interpretações e, conseqüentemente, diferentes transcrições fonéticas.

Além disso, a transcrição fonética sistemática, que mostra todas as características dos sons, permitindo, assim, a verificação de todas suas alternâncias, requer uma formação específica do pesquisador, sobretudo de análise acústica para a utilização de instrumentos de medição sonora, nem sempre pode ser realizada. Assim, está-se fazendo uma transcrição fonética impressionística dos dados coletados com os questionários do ALiRO, mas, um refinamento da transcrição das realizações do /r/ está sendo possível,

² Em todos os meus trabalhos, uso sempre, “brasileiro” e não “português do Brasil”. Cf. FERRAREZI Jr., C.; TELES, I.M. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2006. O conceito de língua adotado por Ferrarezi “não privilegia a estrutura, mas o funcionamento representativo da língua inserida em uma cultura”. Cf. FERRAREZI Jr, C. *Ensinando o brasileiro: respostas a perguntas de professores de língua materna*. (no prelo)

graças à contribuição das análises acústicas do *corpus* do /r/ da pesquisa acima citada, que se desenvolve em paralelo.

Vejam a transcrição de alguns dados já analisados do Questionário Fonético Fonológico do Ponto de inquérito n°. 02 (Guajará-Mirim).

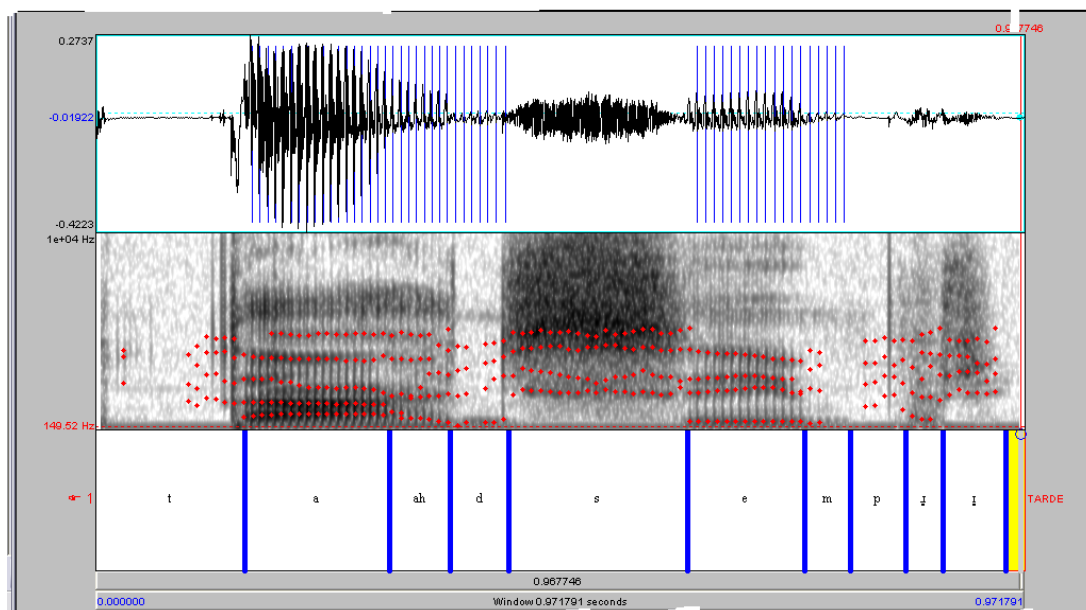


Figura 1 - Forma de onda e espectrograma da sequência "tarde sempre", evidenciando os dois momentos da produção de [a].

Nesta figura, observamos que o segmento que seria usualmente transcrito como uma fricativa glotal [h] não ocorre. Ao invés dele, tem-se a vogal [a] que é produzida em dois momentos, cada um dos quais com qualidades de voz distintas, de maneira que, inicialmente, o segmento não exibe características distintas daquelas de um [a] tônico prototípico. Nos 65ms finais, porém, essa vogal passa a ser produzida com outra qualidade de voz, aspirada, daí a transcrição com o diacrítico [h] no segundo momento da vogal, na figura acima. É provavelmente o afastamento das pregas, responsável por essa qualidade, que causa a sensação auditiva de se ter aí uma consoante fricativa.

No caso de se adotar uma transcrição larga para esse item, não se registrará o fato descrito acima; ao contrário, incorrer-se-á no equívoco de se registrar um segmento que não ocorre e, conseqüentemente, far-se-á uma caracterização fonética imprecisa do dialeto em questão.

Além desse fato, observa-se, também, que a sílaba final de “tarde” não é completamente produzida, ocorrendo a seqüência de seu *onset* e do *onset* da primeira sílaba de “sempre”, ou seja, o encontro consonantal [ds]. Observa-se, também, durante o tempo de produção da fricativa alveolar, o início da trajetória dos formantes – em especial de F2 – de uma vogal anterior alta que se realiza plenamente em seguida ao [s]. Talvez a sobreposição das características acústicas de fricativa e vogal anterior alta é que dê a sensação auditiva da presença do [i]. Por isso, como, em princípio, o encontro [ds] não é esperado na língua, um pesquisador que realiza uma transcrição impressionística provavelmente será levado a registrar tal encontro como [dis], ou ainda como [d^his], o que, a exemplo do fato descrito inicialmente, não ocorre.

É preciso considerar também que, embora o encontro [ds] não seja, necessariamente, característico de um dialeto específico, ele pode ser recorrente no brasileiro em estruturas prosódicas semelhantes (sílabas átonas finais contendo *onset* oclusivo, seguida de sílaba tônica com *onset* fricativo homorgânico e vogal alta).

Ainda é preciso observar, no espectrograma da Figura 1, que em “sempre” não ocorre um *tap*, mas uma aproximante alveolar ensurdecida. Note-se o aspecto contínuo do segmento que permite, inclusive, a ausência do elemento vocálico adjacente ao *tap* em grupos (cf. Nishida, 2005). Uma análise impressionística talvez impedisse de perceber a realização da aproximante.

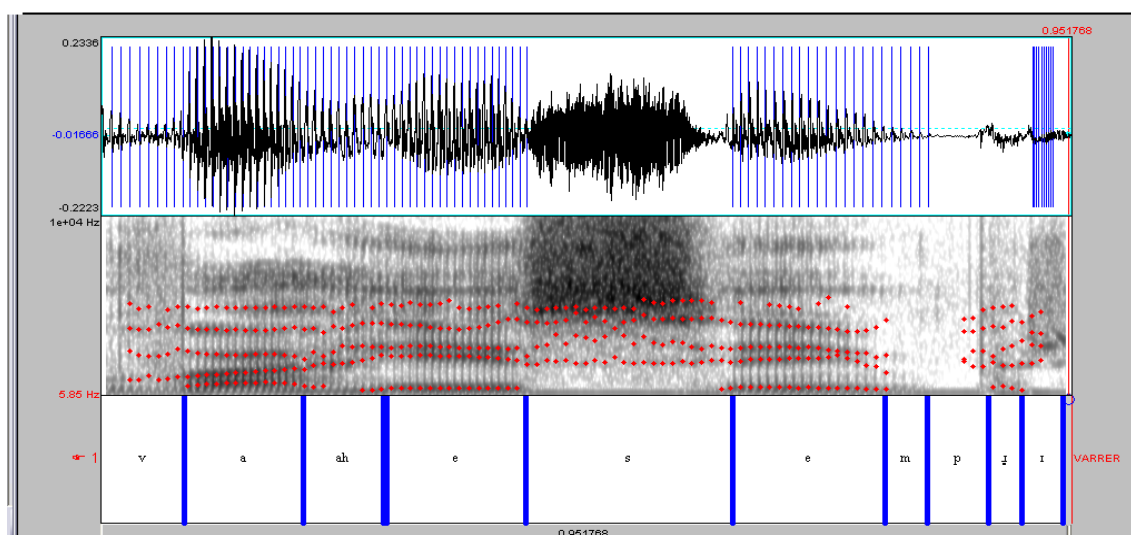


Figura 2 - Forma de onda e espectrograma da sequência "varrer sempre", ilustrando os dois momentos da produção de [a].

A Figura 2 exhibe apagamento do /r/ final de “varrer” e a aspiração da porção final de [a], na primeira sílaba, a exemplo do que ocorria na vogal da primeira sílaba de “tarde”, resultando num encontro vocálico [ae].

Além disso, exhibe, também, um mesmo fato encontrado na Figura 1, ou seja, a presença de uma aproximante ensurdecida no grupo consonantal de “sempre”, ao invés do *tap* que se poderia esperar aí.

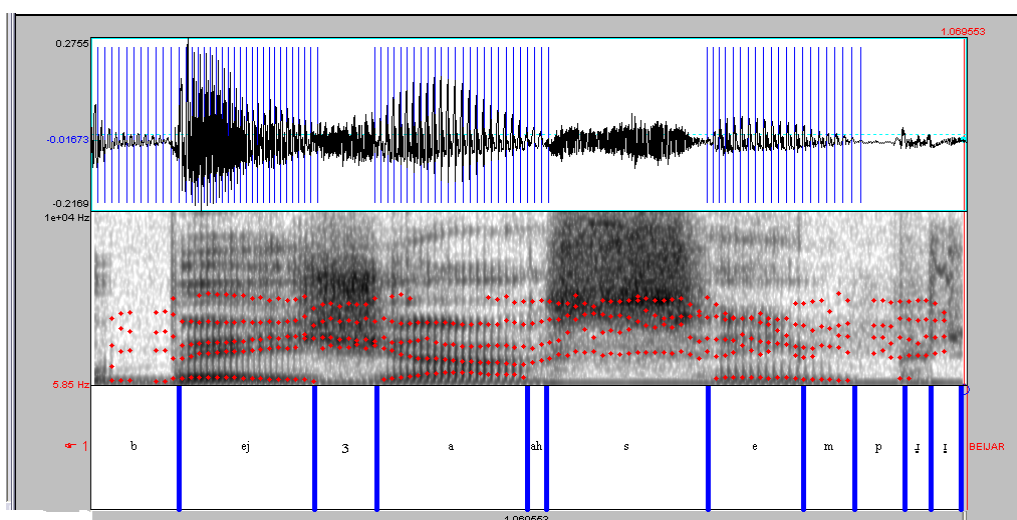


Figura 3 - Forma de onda e espectrograma da sequência "beijar sempre", ilustrando os dois momentos da produção de [a].

A exemplo do que ocorria com o sintagma “tarde sempre”, da Figura 1, em “beijar” a vogal da última sílaba começa modal e termina aspirada, fato que é provavelmente responsável pela percepção de uma consoante aspirada, quando se ouve a sentença toda. E, como nos outros dois casos, o rótico do grupo de “sempre” é uma aproximante.

Cabe frisar, a propósito dos dados aqui apresentados, que a ocorrência de vogais aspiradas não é fato raro: Catford (1977, *apud* Laver, 1980), relata que o afastamento das pregas, no momento da fonação, é responsável pela qualidade de voz “soprada” (*breathy*), correlata da fricativa glotal. Não é de se espantar, portanto, que tal manobra articulatória se sobreponha à produção da vogal.

2. PERSPECTIVAS

Antes de tudo, espera-se, através da descrição de uma amostra das variáveis lingüísticas de Rondônia, dar uma resposta à pergunta que se propõe: Será que se pode dizer que o Estado de Rondônia já possui um “falar” próprio?

Espera-se, também, organizar um banco de dados, que possa servir para pesquisas em todas as áreas da Lingüística, a ser utilizado por bolsistas PIBIC, por mestrandos do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNIR e por demais pesquisadores do Centro de Pesquisas Lingüísticas –CEPLA do *Campus* de Guajará-Mirim.

3. Referências Bibliográficas:

ATA da XI Reunião do Comitê Nacional. In: AGUILERA, Vanderci de A.; MOTA, Jacyra A.; MILANI, Gleidy A. L. (Org.). *Documentos I- Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador/BA: ILUFBA-EDUFBA, 2004.

CAPILÉ, Ângela Maria P. *A influência da migração no processo de aculturação do léxico de Porto Velho a partir de 1980*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim/RO, 2004.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FERRAREZI Jr, C. *Ensinando o brasileiro: respostas a perguntas de professores de língua materna*. (no prelo)

FERRAREZI Jr., C.; TELES, I.M. *Gramática do Brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2006

GUAJARÁ-MIRIM, Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral – SEMPLAN, Guajará-Mirim-RO “*A Pérola do Mamoré*” *Passado e Presente 1929/1991*. Porto Velho/RO: Editora Gênese Ltda, 1991.

GUAJARÁ-MIRIM, Secretaria Municipal de Educação e Cultura Divisão de Cultura- SEMEC. *Calendárion Cultural de Guajará-Mirim/RO 1992*. Guajará-Mirim: Prefeitura Municipal, 1992.

LADEFOGED, Peter. Some reflections on the IPA. *Journal of Phonetics*, n.18, p. 335-346, 1990.

LAVER, John. *The phonetic description of voice quality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

NASCENTES, Antenor. *Bases para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958.

NISHIDA, Gustavo. Características acústicas do tap em grupo no PB. In: *Anais do 6º. Encontro CelSul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul*, 2004.

OLIVEIRA, João José de. *A influência da migração no processo de aculturação do léxico de Porto Velho a partir de 1980*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim/RO, 2004.

SILVA, Amizael Gomes da. *No rastro dos Pioneiros: um pouco da história rondoniana*. Porto Velho: Escopo Editora, 1984.

THUN, Harald. L’Atlas Linguistique Diatopique et Diastratique de l’Uruguay (ADDU). *La géolinguistique em Amérique latine*. Hors série nº 2 de *Géolinguistique*. Grenoble: Université Stendhal-Grenoble 3, p. 168-185, 2001-2002.